

Lygia Pimentel Lins

Nasceu em Belo Horizonte MG no ano de 1920. Lygia Clark, em 1947, iniciou seu aprendizado artístico com Burle Marx (1909-1994). Entre 1950 e 1952 passou a viver em Paris, onde estudou com Fernand Léger (1881-1955), Arpad Szenes (1897-1985) e Isaac Dobrinsky (1891-1973). De volta para o Brasil, integrou o Grupo Frente, liderado por Ivan Serpa (1923-1973).

Lygia ainda participa, em 1954, com a série "Composições", da Bienal de Veneza - fato que se repetirá, em 1968, quando é convidada a expor, em sala especial, toda a sua trajetória artística até aquele momento.

É uma das fundadoras do Grupo Neoconcreto e participou da sua primeira exposição em 1959. Trocou sua pintura gradualmente pela experiência com objetos tridimensionais. Realizou proposições como a série Bichos, de 1960, construções metálicas geométricas que se articulam por meio de dobradiças e requerem a coo participação do espectador, nesse ano lecionava artes plásticas no Instituto Nacional de Educação dos Surdos.

A experiência com a maleabilidade de materiais duros converte-se em material flexível. Lygia Clark chega à matéria mole: deixa de lado a matéria dura (a madeira), passa pelo metal flexível dos "Bichos" e chega à borracha na "Obra Mole, 1964". A transferência de poder, do artista para o propositor, tem um novo limite em "Caminhando, 1963". Cortar a fita significava, além da questão da "poética da transferência", desligar-se da tradição da arte concreta, já que a "Unidade Tripartida, 1948-49", de Max Bill, ícone da herança construtivista no Brasil, era constituída simbolicamente por uma fita de Moebius.

Esta fita distorcida na "Obra Mole" agora é recortada no "Caminhando". Era uma situação-limite e o início claro de num novo paradigma nas Artes Visuais brasileiras. O objeto não estava mais fora do corpo, mas era o próprio "corpo" que interessava a Lygia. Dedicou-se à exploração sensorial em trabalhos como A Casa É o Corpo, de 1968.

Participou das exposições Opinião 66 e Nova Objetividade Brasileira, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ). Reside em Paris entre 1970 e 1976, período em que leciona na Faculté d'Arts Plastiques St. Charles, na Sorbonne. Nesse período sua atividade se afasta da produção de objetos estéticos e volta-se, sobretudo para experiências corporais em que materiais quaisquer estabelecem relação entre os participantes.

Retornando para o Brasil em 1976 e se dedicou ao estudo das possibilidades terapêuticas da arte sensorial e dos objetos relacionais. Em 1981, Lygia diminui paulatinamente o ritmo de suas atividades. Em 1983 é publicado, numa edição limitada de 24 exemplares, o "Livro Obra", uma verdadeira obra aberta que acompanha, por meio de textos escritos pela própria artista e de estruturas manipuláveis, a trajetória da obra de Lygia desde as suas primeiras criações até o final de sua fase neoconcreta.

Em 1986, realiza-se, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, o IX Salão de Artes Plásticas, com uma sala especial dedicada ao Hélio Oiticica e Lygia Clark. A exposição constitui a única grande retrospectiva dedicada a Lygia Clark ainda em atividade artística. Sua prática fará que no final da vida a artista considere seu trabalho definitivamente alheio à arte e próximo à psicanálise. A partir dos anos 80, sua obra ganhou reconhecimento internacional com retrospectivas em várias capitais internacionais e em mostras antológicas da arte internacional do pós-guerra.

A trajetória de Lygia Clark faz dela uma artista atemporal e sem um lugar muito bem definido dentro da História da Arte. Em 25 abril de 1988, Lygia Clark faleceu de ataque cardíaco. Ela não se casou.



Planos em superfície modulada no. 2, -1957 - Lygia Clark



Dobradura - estudo para a escultura Bicho - 1984